

## **TORPEDO: DISCURSOS SOBRE A LESBIANIDADE EM UM VÍDEO EDUCATIVO**

Renata Silva Pamplona\*

Nilson Fernandes Dinis\*\*

Recebido: 20 mar. 2013

Aprovado: 20 maio 2013

\*Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar / PPGE. Especialista em Educação Infantil pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Sorocaba, SP - Brasil. E-mail: renascersempre@hotmail.com

\*\*Doutor em Educação. Professor associado no Departamento de Educação da Universidade Federal de São Carlos. Pesquisador bolsista do CNPQ. Sorocaba, SP - Brasil. E-mail: ndinis@ufscar.br

Resumo: Este artigo objetiva realizar uma análise a respeito de como a lesbianidade é produzida em um audiovisual que compõe parte do material educativo kit anti-homofobia, proposto como ferramenta suscitadora de um debate contra práticas homofóbicas. Toma-se como corpus de análise o vídeo: Torpedo, que apresenta perspectivas da lesbianidade por meio da história de um início de namoro entre duas garotas que estudam na mesma escola. Faz-se como opção metodológica trabalhar com alguns conceitos da arqueogenealogia foucaultiana. A conclusão é de que o vídeo, embora disponha de estratégias discursivas que possibilitam discutir alguns aspectos da homossexualidade feminina, silencia outras diferentes possibilidades de performances lésbicas. Assim, esses silenciamentos necessitam ser desmantelados no sentido de possibilitar a desconstrução de olhares aprisionados nas dicotomias de gênero, sexo e sexualidade.

Palavras-chave: Lesbianidade. Dicotomias de gênero. Sexo. Sexualidade.

## **TORPEDO: DISCOURSES ABOUT LESBIANISM IN NA EDUCATIONAL VIDEO**

Abstract: This article aims to develop an analysis on how lesbianism is produced in an audiovideo which is part of a set of educational materials named kit anti-homophobia, proposed as a tool to produce a debate against homophobic practices. The video Torpedo is taken as a corpus of analysis it presents perspectives of lesbianism through the story of an early romance between two girls who study in the same school. As a methodological option the analysis works with some concepts from foucauldian arch-genealogy. The conclusion is that the video, although it has discursive strategies which enable to discuss some aspects of female homosexuality, silences other different possibilities of lesbian performances. Thus, these silences need to be dismantled in order to allow the deconstruction of looks trapped in the dichotomies of gender, sex and sexuality.

Key words: Lesbianism. Dichotomies of gender. Sex. Sexuality.

Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida (BUTLER, 2010, p. 20).

A autora Judith Butler (2010) problematiza a categoria gênero, afirmando não ser mais possível pensar a noção de feminino e a mulher de forma estável, essencialista, naturalizante ou de forma identitária. Ao contrário, a ideia de uma identidade fixa esvazia a possibilidade de elaborações em termos relacionais. Partindo dessa compreensão entende-se que as práticas lesbofóbicas endereçadas às mulheres lésbicas devem ser compreendidas a partir dessa noção de gênero que não se desconecta de muitas outras categorias de análise, como sexo e sexualidade.

Ao se propor realizar reflexões sobre a homossexualidade feminina na contemporaneidade, faz-se antes necessário recorrer à relação entre gênero, sexo e sexualidade, pois as práticas lesbofóbicas endereçadas às mulheres homossexuais perpassam antes, ou também, pelas práticas sexistas que se pautam em discursos binários, como os pares: feminino/masculino, homem/mulher, heterossexual/homossexual, passivo/ativo, os quais constantemente são utilizados como suporte no exercício de uma política de exclusão ou submissão das mulheres à cultura androcêntrica. Compreende-se o androcentrismo a partir da definição proposta por Monserrat Moreno (1999, p. 23):

O androcentrismo consiste em considerar o ser humano do sexo masculino como o centro do universo, como a medida de todas as coisas, como o único observador válido de tudo o que ocorre em nosso mundo, como o único capaz de ditar as leis, de impor a justiça, de governar o mundo.

A feminilidade parece ainda ser amplamente aclamada e reivindicada enquanto garantia da construção e vivência plena dos papéis atribuídos à mulher e sustentadora desse ideal androcêntrico. Mesmo diante de todas as conquistas adquiridas pelas mulheres, parece ainda persistir, hoje no século XXI, sistemas reivindicatórios opostos ao entendimento de que “... o gênero não está amarrado ao sexo, causal e inexpressivamente, então ele é um tipo de ação que pode potencialmente proliferar-se além dos limites binários impostos pelo aspecto binário aparente do sexo.” (BUTLER, 2010, p. 163). Um exemplo dessa associação causal da relação sexo/gênero são os muitos mecanismos extensivos criadores de estratégias que garantem uma perpetuação da condição masculina num lugar privilegiado, como a utilização dos modelos linguísticos que “são genericamente ambíguos para a mulher e claros e categóricos para o

homem. Este só tem que aplicar a regra de ouro: sempre e em todos os casos usa-se o masculino” (MORENO, 1999, p. 43-44).

A partir dessa ideia relacional entre as categorias: sexo, sexualidade e gênero, construídas e constituídas ao longo de toda a existência humana, em um contexto histórico, social e cultural, por meio de atravessamentos de relações de poder e discursos que as empreendem, e, partilhando de um viés teórico foucaultiano, este artigo se propõe a realizar uma breve análise a respeito de como a lesbianidade é produzida em um audiovisual, que compõe parte de um material educativo proposto como ferramenta suscitadora de um debate sobre a diversidade sexual e contra práticas homofóbicas.

Nesse sentido, tomar-se-á como objeto de análise um vídeo que, a partir de uma animação com fotos, apresenta algumas perspectivas da lesbianidade, por meio da história de um suposto início de namoro entre duas garotas que estudam na mesma escola. Esse vídeo compõe parte do material educativo *Kit* anti-homofobia, que é um dos produtos do projeto Escola sem homofobia, elaborado pelo MEC nos anos de 2008/2010, com objetivo de enfrentar e combater a homofobia em instituições escolares públicas no Brasil.

A homofobia [...] transcende tanto aspectos de ordem psicológica, quanto a hostilidade e a violência contra pessoas homossexuais, bissexuais, travestis, transexuais e interse-xos etc. Ela, inclusive, diz respeito a valores, mecanismos de exclusão, disposições e estruturas hierarquizantes, relações de poder, sistemas de crenças e de representação, padrões relacionais e identitários, todos voltados a naturalizar, impor, sancionar e legitimar uma única seqüência sexo-gênero-sexualidade, centrada na heterossexualidade e rigorosamente regulada pelas normas de gênero (JUNQUEIRA, 2009, p. 375).

Esse material motivou uma ampla polêmica fomentada pelas distintas mídias brasileiras, entre educadoras/es, psicólogas/os, políticos, militantes da comunidade LGBTTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), pais, mães, alunas/os, com discursos de ordens diversas a respeito de possíveis contribuições ou mesmo danos que o material ofereceria ou oferecerá para a formação (em especial, no que se faz referência à constituição da sexualidade) de alunos e alunas nos espaços escolares, o que fez o material ser suspenso por meio de um veto da presidente Dilma Rousseff. A polêmica em torno desse material educativo mantém centelhas de altas proporções, uma vez que o mesmo se propõe a realizar uma discussão sobre sexualidades e diversidades sexuais.

O vídeo selecionado como *corpus* de estudo é Torpedo, um dos audiovisuais que compõem o *Kit* anti-homofobia, nomeado pelas mídias de: *Kit gay*, o que remete a um sentido contrário ao que se destina, ou seja, ter por função contribuir para oportunizar reflexões sobre a diversidade sexual. Já o nome *kit gay* parece sugerir uma aula referente a como ser homossexual, o que contraria as motivações da elaboração do material didático de se destinarem ao enfrentamento do preconceito e das práticas homofóbicas nas escolas. A palavra *kit* tem origem inglesa e entre outras definições, significa o “Conjunto de elementos vendidos com um esquema de montar e que o próprio comprador pode armar: kit de aeromodelo. Jogo de elementos ou peças: kit de ferramentas” (DICIONÁRIO..., 2012, s. p.), o que sugere uma flexibilidade discursiva oferecida pela palavra *kit*. Da mesma forma que o utensílio, a palavra *kit* pode ser armada e utilizada a partir de um jogo minucioso de interesses.

O projeto que se inicia com o nome Escola sem homofobia transforma-se em *kit* anti-homofobia e posteriormente ganha na mídia o apelido de *kit gay*. Visto pela definição anterior, o *kit* é um conjunto de material vendido para ser facilmente armado e montado; nesse sentido, não parece indevido pensar a expressão *kit gay* como uma estratégia de venda pejorativa do projeto *Escola* sem homofobia e do material didático produzido, como materiais de qualidade duvidosa, ou antes, impróprios. Com o nome *kit gay*, constrói-se um discurso maléfico, demonizando o material educativo, bem como, os sujeitos ali apresentados. Assim arquitetam-se percepções, entendimentos e julgamentos a respeito do *kit*, cria-se um arsenal de discursos em torno do acontecimento Escola sem Homofobia, os quais engendram novos saberes sobre a pluralidade sexual nas escolas, ao mesmo tempo em que restauram antigos entendimentos.

O vídeo: Torpedo, narra uma breve história sobre o dilema enfrentado por duas adolescentes, que tem revelado o segredo da relação afetiva que estabelecem. Fotos das garotas foram divulgadas na Internet, por colegas de escola, quando essas estavam em suposta intimidade ao participarem de uma festa. O tema da lesbianidade e preconceito enfrentado por lésbicas é o objetivo pretendido pelo vídeo.

Transcrever-se-á a partir do próximo parágrafo a narrativa do vídeo, buscando também discorrer a respeito de alguns recursos utilizados, em momentos que a narração cede lugar para exposição das imagens, como as fotos das garotas que foram espalhadas na Internet e, a reação

das/dos colegas ao verem as fotos e as garotas na escola. Todo o vídeo foi produzido a partir de uma sequência fotográfica.

Ana Paula (Aninha) Envia um torpedo para Vanessa (Vam)

Ana Paula: - Me ligue urgente! (torpedo)

Vanessa recebe o torpedo e retorna com uma ligação para Aninha

Vanessa: - Oi Aninha! Onde você tá?

Ana Paula: - *Vam* aconteceu uma coisa horrível. Alguém tirou umas fotos da gente na festa e colocou na internet.

Vanessa: - Não acredito!

Ana Paula: - E ainda por cima colaram uma foto na parede do corredor. Tá todo mundo vendo. Tô morrendo de vergonha! Vim correndo para o banheiro.

Acontece uma pausa no diálogo para a exibição das fotos tiradas na festa; mostram-se também as/os colegas que estão visualizando, em um computador da escola, as fotos das protagonistas e proferindo comentários.

Vanessa: - Mas, quem fez isso?

Ana Paula: - Não importa.

Vanessa: A gente tava tão feliz aquele dia, foi tão legal! Eu sei que eu gosto de você.

Ana Paula: Eu também gosto muito de você.

Ana Paula: O que a gente faz agora?

Vanessa: Não sei.

Vanessa: Vamos enfrentar essa barra juntas?

Ana Paula: Vamos.

Há novamente uma interrupção no diálogo das garotas para exibição do percurso feito por Ana Paula ao deixar o local que estava (o banheiro) e ir ao encontro de Vanessa que está no pátio

da escola, nesse momento, também são apresentadas imagens das/dos colegas que acompanham o caminhar de Ana Paula até o encontro de Vanessa.

Ao encontrarem, se olham e se abraçam.

Vanessa: - Quer namorar comigo?

Aninha: - Acho que a gente já tá namorando! (VÍDEOS DO KIT, 2011).

Faz-se recorrente o fato de que ao se falar sobre a homossexualidade feminina a relação entre sexo e gênero seja evocada nas pronunciações discursivas, de forma que necessitam ser problematizadas. O entendimento das diferenças entre homens e mulheres encontra-se estreitamente e hegemonicamente relacionado às diferenças do sexo, que são utilizadas como definidoras da noção de gênero, ou mesmo as palavras “sexo e gênero” são utilizadas como sinônimos. (STREY, 2003). A ideia de que ao se possuir um pênis é homem e consecutivamente pertence-se ao gênero masculino ou, tendo uma vulva é mulher e logo se pertence ao gênero feminino, são concepções radicadas nas atribuições das características físicas, naturais e imutáveis, pautadas em dualismos para definição dos gêneros, o que limita a compreensão de que as diferenças sexuais não são fixas e essencializadas, mas sim construídas por meio das relações de poder, de acordo com Anne Fausto-Sterling (2002, p. 19):

Nossos corpos são complexos demais para dar respostas claras sobre a diferença sexual. Quanto mais procuramos uma base física simples para o “sexo” mais claro fica que o “sexo” não é uma categoria física pura. Aqueles sinais e funções corporais que definimos como masculinos e femininos já vêm misturados em nossas ideias sobre o gênero.

Compreender o conceito de gênero requer o entendimento de que “sexo não é gênero. Ser uma fêmea não significa ser uma mulher. Ser macho não significa ser homem.” (STREY, 2003, p. 182). De forma que essa noção deve ser contemplada antes enquanto construção social, cultural e política, em concordância com a análise de Marlene Strey (2003, p. 183), para quem:

O gênero depende de como a sociedade vê a relação que transforma um macho em um homem e uma fêmea em uma mulher. Cada cultura tem imagens prevalecentes do que homens e mulheres devem ser. O que significa ser homem? O que significa ser mulher? Como as mulheres e os homens supostamente se relacionam uns com os outros? A

construção cultural do gênero é evidente quando se verifica que ser homem ou ser mulher nem sempre supõe o mesmo em diferentes sociedades ou em diferentes épocas.

As situações de preconceito enfrentadas por mulheres homossexuais devem ser pensadas à luz dessas considerações sobre gênero, considerando que o preconceito sofrido atinge duas extensões: o da lesbofobia, e do sexismo. Essas sofrem o repúdio daqueles/as que rejeitam qualquer forma de homossexualidade e daquelas/es que se inserem numa categoria que compreendem a mulher como subordinada ao homem. Para Gayle Rubin “... não somos oprimidas apenas como mulheres; somos oprimidas por termos que ser mulheres, ou homens, dependendo do caso” (1993, p. 22). Referindo-se ao projeto do movimento feminista, afirma que:

[...] o movimento feminista deve sonhar com algo mais do que a eliminação da opressão das mulheres. Ele deve sonhar com a eliminação das sexualidades obrigatórias e dos papéis sexuais obrigatórios. O sonho que acho mais fascinante é de uma sociedade andrógina e sem gênero (mas não sem sexo) em que a anatomia de cada um é irrelevante para o que cada um é, faz ou com quem cada um faz amor (p. 22).

No entanto, esse sonho se apresenta longínquo na contemporaneidade, pois os gêneros ainda definem papéis sociais emoldurados nas dicotomias que atribuem funções masculinas e femininas separadamente e categoricamente. Por mais avanços que as teorias e práticas sociais apresentem, ainda há muito que se desfazer e desconstruir nessa relação pontual entre gênero, papéis sociais e sexuais. Por exemplo, “... a escola transmite os sistemas de pensamento e as atitudes sexistas, aquelas que marginalizam a mulher e a levam a ser considerada um elemento social de segunda categoria...” (MORENO, 1999, p. 17). Essa realidade persiste intensamente e aqui é posta em destaque, uma vez que são ferramentas indispensáveis na contemplação da proposta de análise do vídeo Torpedo. Esses entendimentos precisam ser analisados ao se olhar para o relacionamento das garotas, pois antes de serem namoradas, são mulheres e estão inseridas numa cultura fortemente assinalada pelos valores patriarcais ressaltados pelas práticas sexistas e androcêntricas. De acordo com Maria Cristina Cavaleiro (2009, p. 178):

Diferentemente dos gays as lésbicas acumulam discriminações contra o gênero e contra a sexualidade. Assim, o que as caracteriza nas relações sociais fundadas sobre o gênero é o fato de serem invisíveis e silenciosas devido a sua feminilidade.

As discriminações sofridas por lesbofobia e sexismo se dão na não atribuição à singularidade da mulher a autenticidade do exercício pleno dessa condição, que perpassa pela possibilidade de vivência de um desejo sexual e afetivo distinto da norma heterossexista, ou seja, a mulher pode desejar afetiva e sexualmente outra mulher, sem obrigatoriamente deixar de ser mãe, feminina, sensível, emotiva. Ou, o contrário, não sendo mãe, nem feminina, nem excessivamente emotiva, ou sendo mãe e não tão feminina como qualquer outra pessoa que pode possuir ou não determinada característica, dependendo de sua construção subjetiva adquirida numa dada cultura, uma vez que “A construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infundavelmente.” (LOURO, 2008a, p. 18). No entanto, o que se percebe é um movimento ora explícito, ora ordenado por sutilezas que buscam constantemente afirmar e produzir jeitos de ser. A propósito, Adrienne Rich (2010, p. 19) afirma que:

As instituições nas quais as mulheres são tradicionalmente controladas – a maternidade em contexto patriarcal, a exploração econômica, a família nuclear, a heterossexualidade compulsória – têm sido fortalecidas através da legislação, como um *fiat* religioso, pelas imagens midiáticas e por esforços de censura.

Partindo do entendimento de que “O discurso político e teórico que produz a representação ‘positiva’ da homossexualidade também exerce, é claro, um efeito regulador e disciplinador” (LOURO, 2001, p. 544), é imprescindível o questionamento da escolha discursiva atribuída à lesbianidade no vídeo Torpedo. Sem dúvida elegeu-se uma imagem da mulher lésbica entre possíveis outras imagens, ou engendramentos.

No vídeo Torpedo as garotas são apresentadas de duas formas bastante distintas, o que pode ser percebido pela construção de dois espaços geográficos, a escola e a festa (embora não seja possível nas imagens reconhecer um ambiente de festa, o que é questionável, e será discutido mais adiante). A diferenciação estético-corporal construída diferentemente, na escola e na festa, não é espantosa, dado o fato de cada ambiente exigir vestuários e posturas próprias, estabelecidas convencionalmente na cultura. Mas como na ordem discursiva nada opera ao acaso, é preciso

considerar que as diferenças em questão são em alguns momentos acentuadas, chegando a trazer dúvidas se as garotas vistas na escola são as da festa. Evidente que o intuito do vídeo as apresenta como sendo, mas, ao se comparar minuciosamente as imagens, a surpresa e a dúvida persistem, são as mesmas garotas? E o que isso tem de relevante?

Talvez sejam as mesmas pessoas, mas o simples fato de aparecerem de forma tão marcadamente diferente precisa ser considerado e analisado. De acordo com Guacira Louro, ao se propor uma análise discursiva é preciso desconstruir e “Desconstruir um discurso implicaria em minar, escavar, perturbar e subverter os termos que afirma e sobre os quais o próprio discurso se afirma. Desconstruir não significa destruir...” (LOURO, 2001, p. 548).

No procedimento de esmiuçar a sequência fotográfica que compõe o vídeo, vê-se que na escola as garotas são apresentadas como duas adolescentes com certo ar juvenil, intercalado por feições quase pueris. São morenas, Aninha tem leves traços de uma etnia asiática, cabelos encaracolados, presos num tipo de coque. Vanessa tem cabelos lisos, também presos em um rabo de cavalo, as roupas de ambas são discretas, estão de calça, uma blusinha e casaco. As cores são todas de tons neutros e as vestimentas são soltas, não marcam o corpo. Ambas não usam brincos ou qualquer outro acessório, apenas Vanessa usa uma pulseirinha preta que aparenta ser de tecido, não estão utilizando batom. São apresentadas como garotas não vaidosas, não estão utilizando maquiagem, jóias, nem roupas sensuais. Corroborando as imposições vistas no cotidiano escolar, pois normalmente as escolas não tendem mesmo a valorizar esse vestuário, muito embora existam contestações e fugas diante dessas normas. É possível perceber que outras garotas visualizadas nas imagens estão mais produzidas no sentido do realce estético da feminilidade do que as garotas lésbicas. Por exemplo, quase todas as demais garotas mostradas nas imagens no espaço escolar estão utilizando brincos ou algum acessório. Parece haver um jogo, “um processo minucioso, sutil, sempre inacabado” (LOURO, 2008a, p. 18) que as produzem, ora pouco femininas (na escola) - por mais difícil que seja precisar o que é ser feminina ou masculina, nesse momento, faz-se referência aos padrões hegemônicos, por compreender que esses aparecem na construção do vídeo - ora mais femininas (na festa), momento em que trajam vestuários que exaltam certa sensualidade, como a blusa verde, decotada nos ombros, de tecido valorizador do contorno dos seios, usada por Vanessa. Ana Paula, por sua vez, veste uma blusa branca, levemente transparente, também realçando seios e ombros. Vanessa

utiliza uma calça jeans e Ana Paula parece estar usando uma saia cor cáqui e não é possível visualizar bem esse detalhe, pois a maioria das fotos tiradas na festa é de meio corpo. Os cabelos de ambas estão soltos e brilhantes, e utilizam uma maquiagem que acentua os traços e ressaltam a beleza. Não é possível ver o uso de brincos, nem demais acessórios, apenas Vanessa continua usando a mesma pulseirinha preta de tecido que usa na escola. As garotas são mulheres sensuais na festa, são apresentadas como sendo bem mais adultas, ao ponto de não parecerem ser as mesmas garotas vistas no cenário escolar. No entanto, também na festa percebe-se a existência do mecanismo da dessexualização, pois as imagens não ultrapassam a exibição de cenas que poderiam, ou antes, são rotineiramente situações vivenciadas entre amigas, o que é passível de ser percebido ao se proceder à análise cuidadosa da sequência das fotografias apresentadas na festa.

Um mecanismo facilitador é observar as imagens sem o recurso sonoro, ou seja, sem ter acesso ao texto e enredo do vídeo. Como seria para a/o espectadora/o assistir ao vídeo sem ter acesso a nenhum som, somente às fotografias?

No intuito de buscar cada detalhe e o que cada imagem diz ao/a espectador/a, realizou-se esse exercício de análise com cada imagem em que Vanessa e Aninha são fotografadas na festa, ocultando, de tal modo, o recurso sonoro do vídeo.

Na primeira foto Vanessa está diante de Aninha, estão próximas, Vanessa está com o braço estendido para o lado e não em direção a suposta namorada. Na segunda fotografia estão mais diretamente frente a frente, cada uma apóia uma das mãos no próprio corpo (utilizando um recurso de espelhamento) e se olham, indicando que estão conversando. Na terceira fotografia Vanessa está com a mão direita na cintura de Aninha, a imagem não é precisa em se perceber se de fato há o toque da mão na cintura, e Aninha segura o braço que supostamente está em sua cintura, sugerindo inclusive uma demarcação de limites do corpo, como se sua mão estivesse indicando certa restrição ao suposto toque íntimo de Vanessa. Na quarta imagem Vanessa está de frente com a cabeça inclinada para o lado, olhando Aninha que está com o corpo bem próximo, trocam olhares e as mãos estão levemente encostadas, e não de mãos dadas. A quinta imagem é um abraço em que é mostrado apenas o rosto de Aninha, de olhos fechados, o que constrói um possível entendimento de que está apreciando o contato, mas também pode ser compreendido como um mero abraço de despedida entre amigas íntimas, que se gostam ou que estejam confortando uma à outra num momento difícil. Por exemplo, poderia ser um abraço caloroso em

que Aninha se sente reconfortada, amparada, acolhida, diante do apoio recebido frente a uma situação problemática, que a faz fechar os olhos, como um descanso ao receber o acolhimento da amiga. A sexta fotografia aparece na imagem da tela de um computador (mostrada quando os colegas estão visualizando as fotos na escola) e Aninha está com o braço estendido nos ombros de Vanessa. Estão bem próximas, numa troca de olhares: essa imagem talvez se aproxime mais de uma referência do possível romance entre elas, mas é também uma cena assistida entre amigas, poderia ser perfeitamente uma situação supostamente assim: uma diria para outra: - Vem aqui, deixa eu te dizer uma coisa muito importante. Você é minha melhor amiga! A sétima fotografia é uma sequência da anterior em que o foco não são as garotas, e sim as pessoas que olham as fotos – o que será discutido posteriormente. A oitava e nona continuam na sequência das duas anteriores, mudando apenas a inclinação da cabeça e proximidade de olhares. Na décima foto elas estão indo embora da festa, lado a lado, conversando, novamente numa imagem espelhada, ambas com suas blusas decotadas nos ombros, de tecido semelhante, com bolsas nos ombros, com as alças mostradas quase proporcionalmente. Os casacos estão carregados na mesma posição e no mesmo lugar dos braços. Na décima primeira imagem, sequência da anterior, Vanessa se aproxima mais de Aninha como se estivesse cochichando algo, cena comum entre amigas adolescentes. A décima segunda reforça a anterior, mas destacando que Aninha, ao escutar, ri muito e se diverte com o que é dito. Na décima terceira fotografia elas estão de frente para uma possível câmera, lado a lado como se estivessem consentidamente pousando para uma fotografia. (E quem seria o/a fotógrafo/a, já que as imagens não mostram, na festa, ninguém além das duas?) A décima quarta é uma foto que novamente apresenta as garotas no interior da festa, e estão conversando, Vanessa está sorridente e olhando para Aninha, que está séria e com ar distante, não correspondendo ao olhar de Vanessa, parecendo estar desatenta. Na décima quinta elas estão se olhando, dessa vez as duas sorridentes, e novamente o recurso de espelhamento é percebido por meio do decote das blusas que se apresentam geometricamente similares. Na próxima fotografia, a décima sexta, Aninha está com uma das mãos estendida no rosto da amiga, o que não configura necessariamente uma carícia, pode ser um gesto facilmente compreendido como: – Ah!, me deixa tirar essa manchinha da sua maquiagem. Na décima sétima imagem, Aninha volta à mão que estava na face da amiga, deslizando rapidamente os dedos por uma mecha de cabelo e Vanessa diz alguma coisa, que poderia supostamente ser: - E aí, ficou melhor,

saiu a mancha? Na décima oitava imagem, Aninha segura com suas duas mãos à mão de Vanessa, entrelaçando uma delas, cena também comum entre amigas íntimas e jovens. Na décima nona e última foto da sequência festa, as mãos das garotas se soltam, estão apenas próximas e as cabeças também estão aproximadas e sorriem como se tivessem novamente compartilhando novidades, possivelmente segredinhos de amigas adolescentes.

Ao observar cuidadosamente essa sequência de fotos, os vários detalhes e informações chamam a atenção. O principal deles refere-se ao intuito de construção de um discurso que afirma serem essas fotos o motivo denunciador da relação afetiva entre as garotas, o que é quase forçado, pois na maioria das imagens o que se visualiza pode ser considerado unicamente uma relação entre amigas, uma vez que na cultura ocidental existe uma flexibilidade em relação ao contato íntimo entre mulheres, principalmente porque, em concordância com Louro (2010, p. 27)

Em nossa cultura, a manifestação de afetividade entre meninos e homens é alvo de uma vigilância muito mais intensa do que entre as meninas e mulheres. De modo especial, as expressões físicas de amizade e de afeto entre homens são controladas, quase impedidas, em muitas situações sociais. Evidentemente elas são claramente codificadas e, como qualquer outra prática social, estão em contínua transformação.

Outro aspecto desperta ponderações. O fato de as fotos terem sido tiradas numa festa e ninguém aparecer próximo a elas, o ambiente, o fundo das fotografias, nada em nenhum momento informa ser uma festa, o que reforça à ideia das garotas estarem sozinhas, num lugar reservado e, sendo assim, as fotografias deveriam ter flagrado um momento de maior intimidade entre as possíveis namoradas, ou antes, se isso não foi feito, talvez seja porque o que se pretendeu foi o construir do discurso de uma relação lésbica romanceada e também dessexualizada, suavizada e então pertinente para um material didático escolar.

Estratégia reforçadora de um discurso em que “a ideologia do romance heterossexual, irradiada na jovem desde sua mais tenra infância por meio dos contos de fada, da televisão, do cinema, da propaganda, das canções populares e da pompa dos casamentos...” (RICH, 2010, p. 31), é impregnada insistentemente. Nesse caso, projetando-se para a possível relação homossexual feminina, deixando-se transparecer uma aura de prevalência do clima romântico, do amor em demérito do sexual ou da sexualidade. Permitindo mais uma vez presenciar a frequência

das atribuições discursivas sexistas e androcêntricas, ainda quando se pretende posicioná-las contrariamente.

Ou ainda, outro possível discurso pode ser considerado por meio desse apagamento das/dos demais participantes da festa, deixando subentender que o estar ou ser homossexual é o lugar da execração, devendo permanecer em separado dos demais membros normais da sociedade. Para isso, essas pessoas homossexuais devem sempre buscar subterfúgios para viverem sua relação amorosa: as garotas lésbicas, ao estarem numa festa sozinhas, isoladas estariam exatamente no lugar determinado a elas, um gueto.

As garotas fabricadas, por meio da sequência de imagens escolhidas para comporem uma relação lésbica não são produzidas como garotas masculinizadas – o que será analisado mais adiante. Já na escola são apresentadas distantes do universo reconhecido como densamente feminino.

Como já foi feita menção anteriormente, é possível considerar a utilização da criação de uma imagem espelhada das garotas tanto na festa como na escola. As semelhanças entre as garotas na escola são tão intensas que numa primeira visualização do vídeo é difícil conseguir diferenciá-las. O formato que compõe o vestuário é o mesmo, as duas estão de tênis, calça, casaco e sob este vestem uma blusinha. Ambas estão de cabelos presos e sem maquiagem e brincos. As fotografias apresentadas e a sequência utilizada, intercalando ora o rosto de uma, ora de outra, dificulta a identificação de quem é quem. Ou seja, um recurso que cria para a percepção da/o espectadora/o uma ilusão que se trata de uma única pessoa, ou dispersa a atenção para a tentativa de assimilação das personagens e não para a temática da lesbianidade, o objetivo do vídeo.

Parece retomar com essa estratégia de espelhamento a construção de um discurso psicologizante que vincula a homossexualidade ao narcisismo, termo derivado da descrição clínica, escolhido por Paul Näcke em 1899 para “denotar a atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo da mesma forma pela qual o corpo de um objeto sexual é comumente tratado – que o contempla, vale dizer, o afaga e o acaricia até obter satisfação completa através dessas atividades (FREUD, 1996a, p. 81). O discurso psicanalítico freudiano em muitas de suas atribuições à homossexualidade afirma ser essa uma espécie de identificação narcísica, pois para Sigmund Freud:

A escolha objetal homossexual situa-se originalmente mais próxima do narcisismo, do que ocorre com a escolha heterossexual. Quando se trata, pois, de repelir um impulso homossexual indesejavelmente forte, torna-se sobremodo fácil o caminho de regresso ao narcisismo (FREUD, 1996b, p. 426-427).

Essas, que podem ser minúcias, revelam um discurso pautado na exaltação da heterossexualidade situada no âmbito da normalidade, e criador da homossexualidade na condição de doentia, perversa, demoníaca. Portanto, merecedora de ser diagnosticada, analisada, curada, restabelecida ao lugar comum e natural da heterossexualidade. Para alcançar tal objetivo cria-se constantemente, de acordo com Louro, “... estratégias públicas e privadas que são postas em ação, cotidianamente, para garantir a estabilidade da identidade ‘normal’ e de todas as formas culturais a ela associada.” (LOURO, 2008b, p. 51).

Percebe-se, pensando nas diferenças das construções na escola e na festa, um apontamento da escola enquanto instituição que continua a exercer um papel de controle de qualquer expressão de sexualidade, afirmando constantemente que a “... sexualidade deverá ser adiada para mais tarde, para depois da escola, para a vida adulta”, (LOURO, 2010, p. 26) ou para outros espaços em que não se precise interferir. Em se tratando de uma relação homossexual, “As coisas se complicam ainda mais para aqueles e aquelas que se percebem com interesses ou desejos distintos da norma heterossexual. A esses restam poucas alternativas: o silêncio, a dissimulação ou a segregação” (p. 27), o que talvez explique a utilização de garotas neutras, nem masculinizadas, nem tão femininas, quase dessexualizadas (na escola), pois a preocupação em construir um apagamento da sexualidade se torna reivindicatório. Parece existir uma intenção de apresentar a mulher lésbica da forma mais neutra possível, não masculinizada, não feminina e sensual. Existe especificamente na escola um apagamento em termos de imagens, uma inexpressividade das duas garotas, como se fossem construídas a partir de certo silenciamento, como aponta Louro (2010, p. 30-31):

As memórias e as práticas atuais podem nos contar da produção dos corpos e da construção de uma linguagem da sexualidade; elas nos apontam as estratégias e as táticas constituidoras das identidades sexuais e de gênero. Na escolar, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras.

Existe um sutil jogo de fabricação, construção, silenciamento e ocultamento presente no vídeo Torpedo. Constroem-se imagens recatadas para as garotas lésbicas na escola, e com isso um apagamento da sensualidade que possuem, que é mostrada na festa, mas, por outro lado, existe um forte silenciamento das outras inúmeras performances possíveis da lesbianidade, por exemplo, aquelas que se distanciam da feição feminina e se aproximam mais da masculina.

Por que não explorar também no vídeo a discussão da feição masculinizada das lésbicas? Essas, por se distanciarem dos padrões sexistas demarcadores dos limites entre feminino e masculino, são as que mais sofrem diretamente ataques homofóbicos, considerando que elas expõem sua homossexualidade de maneira mais explícita, seja em ambientes sociais ou familiares.

Uma ponderação talvez seja a tentativa da produção do vídeo de se afastar de uma discussão aprisionada ao modelo dualista de gênero, que impõe a heterossexualidade como referência absoluta para se pensar a relação entre duas mulheres. Nessa visão, obrigatoriamente uma delas deva ser masculinizada e se apresentar fisicamente dessa forma, e a outra deva ser feminina, usar roupas e demais acessórios exclusivos de mulheres.

As garotas são apresentadas no vídeo (na escola) de forma muito semelhante, na maneira como compõem o vestir, os cabelos, a ausência de maquiagem, sendo mesmo difícil diferenciá-las de imediato, fazendo também pressupor que tal estratégia possa ser parte de uma tentativa de descontração desses discursos entendedores de que no relacionamento entre mulheres uma deve exercer o papel masculino, deve ser o homem da relação e, outra, a mulher. Tais concepções estão frequentemente presentes no ambiente escolar, como afirma Cavaleiro (2009, p. 130):

Para não “trair” o pressuposto universal da heterossexualidade, uma das garotas deve (ou pretende) necessariamente escolher para si o sexo oposto para poder namorar outra garota. Ao dizerem “uma mais feminina”, e a “outra masculina” traduzem que jeitos de ser, perceber e sentir, são policiados na escola, revestidos da insistência de que formas de masculinidade e feminilidade devem ser estabelecidas como rigidamente opostas.

Mas ocultando a presença da lésbica mais masculinizada, com isso também não se retorna ao mesmo ideário heterossexista compulsório que sequer aceita uma mulher exercendo um papel tido e reconhecido como naturalmente atribuído ao homem? Pois é preciso não esquecer a constante fabricação que é “A via da heterossexualidade compulsória, por meio da qual a

experiência lésbica é percebida através de uma escala que parte do desviante ao odioso ou a ser simplesmente apresentada como invisível” (RICH, 2010, p. 21).

Também é pertinente considerar esse outro lado da problemática, pois ao ocultar a discussão das lésbicas que se apresentam de maneira mais próxima do universo reconhecido como predominantemente masculino, num vídeo que pretende combater a homofobia sofrida por mulheres que se relacionam afetiva e sexualmente com outras mulheres, deixa-se de enfrentar um forte aspecto da lesbofobia.

Algumas lésbicas se vestem com roupas largas, como: bermudões, calças e camisetas de tons mais fechados, neutros, sem o uso de adereços, como colares de pedras ou brincos grandes e brilhantes, esmaltes, maquiagem, ou mesmo batom, sandálias, saltos altos, priorizam calçados fechados, como tênis ou sapatos mais sisudos. Vestuário que a partir dos códigos binaristas de gênero é associado como pertencentes ao universo masculino e, ao ser ultrapassado, impõe à pessoa ultrajante apontamentos e políticas de cerceamento, que envolvem estratégias de ridicularização impostas a essas mulheres, numa espécie de punição diante da subversiva quebra das barreiras, pois como afirmam Fernando Teixeira Filho e Lívia Gonsalves Toledo (2010, p. 732-733):

São as *lesbian chic* que têm permissão de aparecer na mídia, enquanto as masculinas – as "feias" para o sistema heteronormativo, as mulheres cuja estética e conduta reproduz aquelas estabelecidas socialmente para o gênero oposto – permanecem invisibilizadas por não estarem de acordo com os modelos exigidos pelo público observador – os homens.

Essas mulheres lésbicas são submetidas a diversos tipos de violência, como estarem expostas a constantes xingamentos, piadinhas, ou mesmo violência física. Os rótulos transitam habitualmente e quase naturalmente entre diversos espaços sociais, como o escolar, sendo ali realizadas fortes práticas homofóbicas. Por exemplo, são apontadas e chamadas por nomes como: caminhoneiras, mulher-macho, sapatão, roçadeira, sapata, sapatona. Esse ataque homofóbico se torna ainda mais violento, pois de acordo com Madlener e Dinis (2009, p. 54) “aquele(a) homossexual que está mais perto da norma é menos discriminado(a) do que aquele(a) que ‘desvia’ dela de forma mais radical.”

As demais personagens que aparecem na sequência fotográfica do filme são mostradas em dois momentos: quando olham as fotos das garotas (tiradas na festa) e quando observam o trajeto feito por Ana Paula ao sair do banheiro e ir ao encontro de Vanessa, momento que acontece o abraço entre elas, desfecho final do vídeo.

De forma geral, a maioria das fotos dos/das colegas mostradas apresenta expressões faciais denunciadoras do preconceito contra o namoro das colegas, reveladoras da prática lesbofóbica. A relação de Vanessa e Ana Paula parece desestabilizar as convicções e certezas dos/das colegas, pois ao divulgarem as fotos na Internet tudo indica que o pretendido era a imposição de ameaças e ridicularização que fizessem as garotas recuarem ainda mais para o profundo do armário, negando convictamente a relação. No entanto, elas assumem o namoro deixando todos e todas perplexos na escola. De acordo com Louro (2008b, p. 49) “Se a instabilidade é perturbadora, mais ainda nos parecerá a existência daqueles sujeitos que ousam assumi-la abertamente, ao escolherem a mobilidade e a posição de trânsito com o seu ‘lugar’.” Olhares e gestos se alternam em demonstrações de: reprovação, espanto, desalento, desprezo, ironia, escárnio, surpresa, inconformismo, incompreensão, dúvidas, curiosidade, ou mesmo malícia. As/os colegas parecem exercer por meio de suas feições o papel de inquisidores/as, pois de acordo com Louro (2008a, p. 22) “A norma não emana de um único lugar, não é enunciada por um soberano, mas, em vez disso, está em toda parte. Expressa-se por meio de recomendações repetidas e observadas cotidianamente, que servem de referência a todos”, demonstram se sentirem incumbidos/as ou autorizados/as a recriminarem, julgarem as garotas, alegando que elas subverteram as normas e devem pagar o preço desse atentado, ainda que seja por meio de sua exposição.

O castigo imposto é a transposição a outro tipo de gueto, se antes era o isolamento na festa, por meio do armário, agora é o isolamento por meio do repúdio frente à certeza da homossexualidade.

Essa é outra questão central que perpassa visivelmente no vídeo *Torpedo*, a clandestinidade das homossexualidades e o dilema enfrentado diante da decisão em assumir ou esconder um relacionamento. No caso das garotas elas têm essa decisão postergada pelos colegas de escola que divulgam as fotos do provável romance na Internet, impossibilitando a escolha de continuarem ocultando a relação.

Mesmo o fato das fotos não mostrarem nada que possa dizer que Vanessa e Ana Paula são namoradas, esse é o discurso que o vídeo quer sustentar. E, sendo assim, elas são violentamente arrancadas do armário.

Ao final do vídeo, isso é destacado quando Vanessa pergunta para Ana Paula: “Quer namorar comigo?” (VÍDEOS DO KIT..., 2011) e Ana Paula responde: “Acho que já estamos namorando!” (idem), pois o detalhe da expressão facial de Ana Paula ao responder o pedido de namoro, expõe um ar de rendição, como se quisesse pronunciar: - Depois de tudo isso, o que mais podemos fazer, acho que já estamos namorando, diante de toda essa exposição!

Com isso há também uma mensagem subentendida, dizendo que se pudesse manteria o segredo do romance, continuaria no armário, para livrar-se dos preconceitos e discriminações, o que é facilmente compreendido, já que “... não é possível cair na simples culpabilização de quem vive no armário, pois o temor da rejeição e da violência tem fontes reais” (MISKOLCI, 2007, p. 59).

Retomando outros detalhes das imagens, é notório que especificamente algumas expressões parecem informar dizeres pontuais, por exemplo, ao visualizar cuidadosamente duas feições de garotos que são mostrados quando Ana Paula e Vanessa se abraçam. Nesse exato momento é mostrada a expressão maliciosa de um garoto branco de olhos claros, cabelos escuros e lisos: ele exibe um meio sorriso e olhar vidrado nas garotas. O outro rapaz mostrado nas mesmas cenas do abraço é um garoto negro que está usando um boné virado para trás, que esboça um sorriso largo e ao mesmo tempo um olhar malicioso.

Esses recursos utilizados, das faces sorridentes e olhares entusiasmados, não estão postos nas imagens ao acaso, antes parecem pretender trazer em pauta outra discussão referente à realidade frequentemente vista nas práticas de discriminações enfrentadas por mulheres lésbicas. Nesse exemplo os olhares maliciosos dos garotos extasiados com a cena do abraço entre duas mulheres retratam um padrão conhecido na cultura androcêntrica e machista, que só admite o contato íntimo e sexual entre duas mulheres quando essas são tomadas como objetos da satisfação sexual masculina. O que é abundantemente visto em filmes pornográficos, os quais frequentemente exibem atos de cenas sexuais entre mulheres e um homem assistindo, ou ainda relações sexuais entre um homem e duas mulheres, que trocam carícias entre si. Esse tipo de aceitação, ou melhor, de consentimento da relação lésbica, ocorre de maneira transitória e

pontual, somente quando essas são objetificadas e disponibilizadas para o contentamento libidinal masculino. Segundo Rich (2010, p. 26):

A chamada pornografia lésbica, criada para o olhar voyeurístico masculino, é igualmente vazia de conteúdo emocional e personalidade individual. A mensagem mais perniciosa transmitida pela pornografia é a de que as mulheres são presas sexuais naturais dos homens e que elas gostam disso, que sexualidade e violência são congruentes e que, para as mulheres, o sexo é essencialmente masoquista, uma humilhação prazerosa, um abuso físico erotizado.

Outro discurso que possivelmente pode emergir ao se analisar a imagem sorridente do garoto negro diante do abraço das garotas lésbicas é a presença da prática discriminatória exercida por um rapaz pertencente a um grupo étnico-racial que historicamente também foi excluído, e que mesmo assim participa como agente ativo de outras exclusões.

A única pessoa adulta exibida na subsequência das imagens é uma auxiliar de limpeza da escola, que está realizando faxina em uma sala de aula e também dirige olhares fortemente reprovadores para o relacionamento das garotas, o que pode ser uma estratégia discursiva - ainda que tímida - utilizada para ressaltar o preconceito na escola exercido e evidenciado por todos os sujeitos envolvidos nessa instituição, devendo ser combatido de forma a envolver aqueles/as que estão presentes direta e indiretamente nessa instituição: alunas/os, professoras/res, técnicos/as administrativos/as, auxiliares de limpeza, mães/pais ou responsáveis, familiares, comunidade do entorno escolar, ou todos e todas envolvidos/as em quaisquer funções na escola. Para Jimena Furlani o momento histórico atual é favorável para que uma Educação Sexual abrangente se realize na escola:

Certamente, a discussão da sexualidade na Escola fascina muitos e apavora outros tantos; ou talvez melhor seria dizer que ela fascina e apavora, ao mesmo tempo, a muitos. Mas vale registrar que o momento histórico em que vivemos se mostra mais favorável a essa discussão: a política educacional oficial estimula e recomenda; a demanda infanto juvenil “obriga”; pais e mães dividem-se entre a objeção, a indiferença e a manifestação favorável; professoras e professores definem-na como projeto político pessoal e imergem na Educação Sexual. A sexualidade viva, no contexto cultural, é cada vez mais assunto obrigatório na Escola, em todos os seus níveis. Quer queiramos ou não, tudo indica que “o bicho vai pegar” (FURLANI, 2007, p. 283).

Certamente o vídeo Torpedo dispõe de estratégias discursivas possibilitadoras do início de explorações sobre a homossexualidade feminina, ainda que silencie outras diferentes

performances lésbicas, pois os discursos traduzem-se fundamentalmente em hierarquias que são atribuídas aos sujeitos e que são muitas vezes assumidas pelos próprios sujeitos. Sendo esses silenciamentos, ocultamentos ou essencialismos que necessitam ser desmantelados para possibilitar a desconstrução de olhares aprisionados nas dicotomias de gênero, sexo e sexualidade, pois de acordo com Dinis (2011, p. 48):

Questionar a sexualidade seja ela hetero ou homossexual é entendê-la como uma construção em constante negociação com o outro e com o social e esse pode ser um passo fundamental para problematizar e pluralizar a sexualidade, compreendendo o processo que leva à formação das diversas identidades e desconstruir os pressupostos da heteronormatividade.

As/os professoras/es devem antes utilizar quaisquer materiais educativos destinados ao combate à homofobia, com a visão de que esses também são elaborações discursivas, as quais necessitam serem desfeitas por servirem como ferramentas na construção de olhares perpetuadores da cultura androcêntrica, sexista, misógina. Em concordância com as palavras de Louro (2008b, p. 47):

[...] para educadoras e educadores importa saber como se produzem o discurso que instituem diferenças, quais os efeitos que o discurso exercem quem é marcado como diferente, como currículos e outras instituições pedagógicas representam os sujeitos, que possibilidades, destinos e restrições a sociedade lhes atribui.

Na análise do vídeo *Torpedo* vê-se uma diversidade sexual revestida numa estratégica película que busca garantir a normalidade, apaziguar os choques e preparar o olhar para habitar na luz já conhecida, ainda que tenha que operar num jogo de luz e sombra, pois as diferenças, se expressas em sua maior autenticidade, ressoariam como o olhar que fita o sol e arrisca-se à cegueira, ou à desorientação, a qual obrigaria esse olhar a um recolocar de posicionamentos que, as instituições escolares e, o crescente conservadorismo religioso brasileiro, parecem não suportar, de acordo com os alinhavos desenhados diante da polêmica *kit* anti-homofobia.

Nesse sentido, parece compreensível o tom moderado do vídeo, pois, um vídeo que rompesse radicalmente com a normatização da lesbianidade seria mais prontamente rechaçado pelo MEC. Uma vez que a maioria dos enunciados produzidos a partir desse acontecimento: os discursos psicológicos, leigos, pedagógicos, biológicos, jurídicos, religiosos, políticos, fizeram

murmúrio a partir de um material, em si despido de qualquer força chocante, desvestido de maiores matizes da diversidade sexual. E, foi contra esse vazio, essa ausência de qualquer estranheza que os discursos se arquitetaram.

Compreende-se que, esse campo de poder e saber seria o eixo circular de uma histórica produção de concepções, pareceres, verdades sobre a diversidade sexual no Brasil, em especial, situada no âmbito da educação. Assim, essa só pode ser enfrentada ou subvertida mediante constantes análises.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Pedro Luis Navarro. O acontecimento discursivo e a construção da identidade na História. In: SARGENTINI, Vanice; BARBOSA, Pedro Luis Navarro (Orgs.). **Foucault e os domínios da linguagem**: discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004. p. 97-130.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- CAVALEIRO, Maria Cristina. **Feminilidades homossexuais no ambiente escolar**: ocultamentos e discriminações vividas por garotas. 2009. 217 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.
- DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Kit**. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/kit/>>. Acesso em: ago. 2012.
- DINIS, Nilson Fernandes. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 39, p. 39-50, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n39/n39a04.pdf>>. Acesso em: ago. 2011.
- FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 17-18, p. 9-79, 2002.
- FREUD, Sigmund. A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916). In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. v. 14.
- \_\_\_\_\_. Conferências introdutórias sobre psicanálise (Parte III). In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. v. 16.
- FURLANI, Jimena. Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da Educação Sexual. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 46, dez. 2007.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Educação e Homofobia: o reconhecimento da diversidade sexual para além do multiculturalismo liberal. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da

Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 367-444.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer – uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, SC, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

\_\_\_\_\_. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p.56, maio/ago. 2008a.

\_\_\_\_\_. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane, GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2008b. p. 41-52.

\_\_\_\_\_. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo horizonte: Autêntica, 2010. p. 7-34.

MADLENER, Francis; DINIS, Nilson Fernandes. Pra que time ele joga?: a produção da identidade homossexual em um vídeo educativo. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 61, n. 1, p. 49-59. 2009.

MISKOLCI, Richard. Comentário sobre a epistemologia no armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 56-63. 2007.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. São Paulo: Moderna, 1999.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Revista Bagoas**, Natal, RN, n. 5, p. 17-44. 2010.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo**. Recife: S.O.S Corpo, 1993.

STREY, Marlene Neves. Gênero. In: JACQUES, Maria da Graça Corrêa, et al (Org.). **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 181- 198.

TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva; TOLEDO, Livia Gonsalves. Lesbianidades e as referências legitimadoras da sexualidade. **Estudos e pesquisas em psicologia**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 729-749. 2010.

VIDEO KIT- GAY: três filmes do vazam no youtube. Disponível em: <<http://forum.antinovaordemmundial.com/Topico-video-kit-gay-tr%C3%AAs-filmes-do-vazam-no-youtube>>. Acesso em: Jul. de 2011.

VÍDEOS DO KIT ANTI-HOMOFOBIA. Torpedo. Disponível em: <<http://www.dceunicamp.org.br/blog/2011/06/05/videos-do-kit-anti-homofobia/>>. Acesso em: jun. 2011.